

ESTRUTURALISMO, GERATIVISMO E FUNCIONALISMO: NOVAS PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA

Nathália Leite de Sousa Soares¹

Mariane dos Santos Monteiro Duarte²

Karla Araújo Pinheiro de Holanda³

RESUMO

O presente trabalho visa discorrer sobre novas possibilidades contemporâneas para o ensino da gramática de língua portuguesa a partir da compreensão das principais particularidades e contribuições de três vertentes célebres da linguística: estruturalismo, gerativismo e funcionalismo. O ensino tradicional da língua materna é hoje atrelado a perspectivas normativistas cujos objetivos e metodologias são, na maioria das vezes, tão ultrapassados que mal correspondem à realidade do discente. Neste estudo, valemo-nos dos teóricos mais imprescindíveis dessas três vertentes linguísticas com o objetivo de ampliar a percepção de ensino através da fusão de novas perspectivas decorrentes da reflexão das multifacetadas da linguagem. Esta pesquisa foi desenvolvida através de uma triagem tanto de livros quanto de trabalhos retirados de plataformas virtuais (como o Google Acadêmico, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDTD, Portal da Capes e Scielo). A análise destes materiais possibilitou refletir não somente sobre o avanço científico na linguagem em cada uma das áreas, mas sobre a forma de integrar o teor teórico assimilado de cada uma das três correntes linguísticas e atrelá-las aos conhecimentos práticos da realidade educacional. Desse modo, este trabalho conclui que existe grande importância em ressaltar o processo educacional dentro do ensino da gramática da língua portuguesa junto a teorias linguísticas, sem considerá-las como melhores ou piores, mas diversas e importantes dentro de seus respectivos tempos de criação e desenvolvimento com vistas à compreensão da linguagem por diversas perspectivas.

Palavras-chave: Estruturalismo; Gerativismo; Funcionalismo; Educação e Gramática

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba, UFPB – nathalia.leite@academico.ufpb.br

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba, UFPB – mary4vr@gmail.com

³ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba, UFPB – karlaapinheiro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O ensino de língua portuguesa, por vezes, se pauta em um prisma normativo: em outras palavras, foca num aprendizado tradicional em que o aluno, muita das vezes, é visto como um ser passivo na aprendizagem e, assim, termina deixando de lado o conhecimento e a bagagem linguística que o discente traz consigo. Conforme Callou (2014), no momento do desenvolvimento de aspectos gramaticais, algumas indagações surgem: enquanto algumas são de caráter geral (acerca da ligação entre a linguística e ensino normativo), e outras são mais específicas, decorrentes desse panorama mais global. Entretanto, essas questões são pouco tratadas no âmbito da licenciaturas e pouco se tem levantado sobre estas relações teórico-normativas dentro das academias e sua respectiva importância dentro dos processos de ensino-aprendizado que se efetuam em sala de aula.

Dito isso, objetivamos, nesta pesquisa, discorrer acerca de três correntes linguísticas: estruturalismo, gerativismo e funcionalismo. Nesse sentido, busca-se enfatizar a relevância destas para o ensino de gramática da língua portuguesa. Este trabalho se justifica pela necessidade de estimular os professores a partir do conhecimento teórico sobre essas três vertentes linguísticas e reformular as práticas didático-pedagógicas no tocante ao ensino de gramática: em suma, visa-se contribuir para um novo olhar sobre o conceito de língua e sobre o potencial dos educandos em sala de aula (e fora dela, nos contextos sociocomunicativos mais amplos).

Acredita-se que é preciso considerar novas possibilidades de ensino que favoreçam a ampliação das capacidades e competências linguísticas dos alunos em Língua Portuguesa. Nessa perspectiva, através da compreensão das vertentes linguísticas mencionadas, é possível ultrapassar os limites existentes entre universidade e escola, propondo não uma unificação, mas um propósito claro para que os docentes consigam lidar com diferentes dimensões da linguística e que estejam efetivamente mais preparados profissionalmente para encarar os aspectos linguísticos de forma positiva.

A constituição do presente trabalho é aportado, essencialmente, nas obras de Saussure em *Curso de Linguística Geral* (1916), Chomsky em *Estruturas Sintáticas* (1957) e Cunha e Tavares (2016) em *Linguística Funcional e Ensino de Gramática*, além de outros estudos que discorrem acerca das três vertentes - estruturalismo, gerativismo e funcionalismo - com interface em ensino.

Este artigo está dividido da seguinte forma: após esta introdução, discorreremos, na seção 2, acerca do Estruturalismo e sua concepção de sistema linguístico, bem como sua

relevância para a compreensão da gramática estrutural. Na seção 3, por sua vez, buscaremos ressaltar características do Gerativismo: do caráter inato da linguagem a formulação de uma Gramática Modular. Na seção 4, abordaremos o Funcionalismo com o intuito de expressar a influência e o teor do ambiente sociocomunicativo na construção da estrutura gramatical. Na seção 5, a ênfase é explorar, de maneira integrativa, estas três correntes linguísticas e nesse sentido tecemos reflexões para a reformulação do ensino de gramática nas escolas. Por fim, trataremos das Considerações Finais de nosso trabalho, seguida das referências por nós utilizadas.

2. ESTRUTURALISMO: A CONCEPÇÃO DE SISTEMA LINGUÍSTICO PARA A CONSTRUÇÃO DA GRAMÁTICA ESTRUTURAL

O pensamento científico do século XX foi marcado, de forma significativa, pelo desenvolvimento da Linguística Estrutural. É incontestável a contribuição pioneira de Ferdinand de Saussure sobre a organização estrutural da linguagem: esse salto qualitativo promoveu um progresso tão expressivo nas Ciências Humanas que o resultado foi inspirador: toda uma geração de pensadores, tais como Jacques Lacan, Claude Lévi-Strauss, Louis Althusser e Roland Barthes, valeu-se dos princípios saussurianos para desenvolver suas obras.

No entendimento de Costa (2013), o famoso *Curso de Linguística Geral* - (doravante, CLG) foi redigido a partir das anotações de alunos no decorrer de cursos ministrados por Saussure na Universidade de Genebra, entre 1907 e 1911, e publicado três anos após a morte do linguista. O CLG condensa os conceitos fundamentais do modelo teórico estruturalista no qual a linguagem é concebida como um sistema articulado: da mesma forma que acontece num jogo de xadrez, cujo valor de cada peça é instituído no interior do jogo por meio de regras que regulam tanto as funções quanto a inter-relação entre essas peças, na linguagem não é diferente, pois as *normas internalizadas* (resultantes da interação com o meio social) é que regem a gramática de uma determinada língua para garantir a comunicação plena.

Martelotta (2013) ressalta a dicotomia saussuriana *langue-parole* para demonstrar que Saussure elege a *langue* como objeto de estudo da linguística em decorrência do seu caráter sistemático e recorrente e que, no entendimento do linguista genebrino, isso não acontece na *parole*, haja vista que esta última é permeada por atos comunicativos individuais de caráter assistemático e ilimitado. Por esse motivo, Saussure foca na língua: é nela que se encontra um sistema estruturalmente autônomo no qual as partes linguísticas se organizam em uma rede de

relações internas. No capítulo *Linguística da Língua e Linguística da Fala* do CLG, essa noção de língua é expressa de forma muito assertiva :

Ao outorgar à ciência da língua seu verdadeiro lugar no conjunto do estudo da linguagem, situamos ao mesmo tempo toda a Linguística. Todos os outros elementos da linguagem que constituem a fala vêm, por si mesmos, subordinar-se a essa primeira ciência e é graças a tal subordinação que todas as partes da linguística encontram seu lugar natural (SAUSSURE, 1913, p. 50).

A partir do momento em que Saussure caracteriza o conceito de *langue* e emprega o termo *sistema*, a intenção do linguista genebrino torna-se nítida: “demonstrar que os elementos de uma língua não estão isolados, mas formam um conjunto solidário” (MARTELOTTA, 2013, p.54). Dessa maneira, é praticamente impossível desenvolver análises dos elementos linguísticos isolando-os do sistema que fazem parte, pois é necessário analisar a estrutura com vistas a descrever o modo como esse sistema se organiza. Assim, surge a *Gramática Estrutural* pautada em três aspectos importantes relacionados com a compreensão de sistema: (1) *as línguas apresentam um conjunto de elementos* - os elementos existentes na língua se unem para formar unidades maiores; (2) *a sistematicidade e a recorrência estão na língua (e não na fala)* - o estudo do sistema linguístico é importante para investigar a natureza dos elementos que formam o sistema e o modo como esses mesmos elementos se agrupam para conferir a estrutura peculiar de cada língua e, por fim, (3) *cada língua possui seu conjunto particular de regras que comandam as combinações e as restrições* - o modo como os elementos de uma determinada língua se combinam e se estruturam internamente e as restrições impostas estão sujeitas a normas internalizadas: representações cognitivas captadas do mundo social de caráter puramente arbitrário.

No tocante ao nosso panorama atual, a contribuição saussuriana de língua, enquanto sistema, continua extremamente válida, pois é de suma importância compreender as relações internas (associações, combinações e restrições) que governam os elementos linguísticos de uma determinada língua e que comungam de um mesmo estado sincrônico. Além de outros fatores atrelados a essa proposta teórico-metodológica, pode-se afirmar que o signo linguístico e seu caráter arbitrário, bem como as relações sintagmáticas e paradigmáticas são categorias analíticas primordiais que alicerçam a gramática estrutural e, dessa maneira, lançam as bases para a linguística moderna.

3. GERATIVISMO: O ASPECTO INATO DA LINGUAGEM PARA A FORMULAÇÃO DA GRAMÁTICA MODULAR

O Gerativismo ou (Gramática Gerativa) proposta por Noam Chomsky, no final da década de 1950, direciona um novo olhar aos aspectos linguístico: a linguagem enquanto capacidade cognitiva unicamente humana. Kennedy (2013b) aponta que, em 1957, Chomsky publicou o seu primeiro livro intitulado *Estruturas Sintáticas (Syntactic Structures)* o qual é o precursor da Teoria Gerativa. Já Silva & Pilati (2017), destacam que o referido ano foi marcado por uma transformação cognitiva da linguagem, uma vez que: “a análise do sistema linguístico, no gerativismo, é feita com base na cognição do falante” (SILVA & PILATI, 2017, p. 49).

O linguista estadunidense parte de uma concepção internalista da linguagem para eleger um órgão mental inato e específico da espécie humana. No entendimento de Quadros (2007), este aparato biológico/mental (imbuído por princípios linguísticos universais), faculta tanto a aquisição quanto o uso diário e recursivamente criativo de uma língua natural. Esse conjunto de habilidades cognitivas no qual os indivíduos desenvolvem os processos de produção e compreensão dos diversos recursos gramaticais e textuais é denominado de *Faculdade da Linguagem*, conforme Chomsky, 1975.

No que se refere à criatividade exclusivamente humana no uso da linguagem, o gerativista enfatiza que os falantes são capazes de compreender e produzir frases/sons/palavras jamais ouvidas ou pronunciadas anteriormente e esse fato independe do nível de escolaridade: de analfabetos a pessoas altamente cultas, isto é, todos possuem o potencial para formular sentenças das mais simples às mais elaboradas. Em linhas gerais, como bem aponta Kenedy, 2013b, p. 128, “a criatividade é o principal aspecto caracterizador do comportamento linguístico humano, aquilo que mais fundamentalmente distingue a linguagem humana dos sistemas de comunicação animal”.

No início dos anos 1980, Chomsky traz a ideia de uma gramática universal da linguagem (GU). Para Kenedy (2013b):

A hipótese da GU representa um refinamento da noção de faculdade da linguagem sustentada pelo gerativismo desde o seu início: a faculdade da linguagem é o dispositivo inato, presente em todos os seres humanos como herança biológica, que nos fornece um algoritmo, isto é, um sistema gerativo, um conjunto de instruções passo a passo - como as inscritas num programa de computador - o qual nos torna aptos para desenvolver (ou adquirir) a gramática de uma língua. Esse algoritmo é a GU (KENEDY, 2013, p. 135).

Nessa perspectiva, Quadros (2007) assevera que a Faculdade da Linguagem, por ser inata e carreada pelos princípios gerais da Gramática Universal – GU, possibilita a organização dos estímulos verbais advindos do ambiente sociocultural (*inputs*) em estruturas linguísticas complexas (*outputs*) radicadas na mente/cérebro do seres humanos. Kenedy (2013a), corrobora essa perspectiva ao afirmar que o *Programa Minimalista* do Gerativismo assume, na década de 90, o *Modelo de Princípios e Parâmetros* com o intuito de construir uma teoria que engloba em si um conjunto tanto de *princípios* gramaticais universais e regulares quanto de *parâmetros* particulares de variações (sistemáticas e previsíveis) nas línguas naturais.

Em linhas gerais, o conceito da GU, contribui para a explicação da universalidade sintática das línguas, pois representa o estágio inicial da aquisição da linguagem é permeado pela ativação dos princípios gerais. À medida que o ambiente linguístico (no qual a criança está inserida) fornece as informações necessárias, os parâmetros específicos de uma determinada língua são formatados e assimilados até atingir o estágio estável: conforme Chomsky (1981), é nessa fase que a *Língua-I* se estabelece na mente das pessoas, a qual corresponde a uma realidade de caráter individual, interno e cognitivo, além de também ser conhecida como *competência*, pois é de ordem gramaticalmente abstrata. A contraparte mencionada pelo gerativista (embora não seja o foco do estudo) é a *Língua-E* que, por sua vez, diz respeito a uma realidade de caráter coletivo, externo e sociocultural que também é conhecido como *desempenho* no uso do saber linguístico em situações sociocomunicativas reais. Em consonância com a propositura de Chomsky (1986), é de suma importância a correlação entre essas duas dimensões linguísticas, haja vista que o aparato estrutural dos princípios linguísticos universais (a *forma linguística*) possibilita a materialização da língua num dado ato sociocomunicativo (a *função linguística*).

A necessidade de descrever a natureza e o funcionamento da GU levou os gerativistas a formular teorias e foi na de *Princípios e Parâmetros* que houve o fomento para a formulação da *Gramática Modular*: nela, os componentes gramaticais são analisados como módulos autônomos e a sintaxe torna-se o componente central da gramática. Embora haja essa autonomia, existem pontos de interseção entre os módulos gramaticais porque a sintaxe parte das palavras do léxico para elaborar primeiro os sintagmas e, por conseguinte, as sentenças: recebendo tanto uma leitura fonológica quanto uma interpretação semântica básica (também chamada de lógica). A proposta teórico-metodológica do gerativismo é imprescindível para um ensino gramatical que também considere esse olhar biolinguístico com o intuito de descrever os aspectos atrelados à competência linguística dos falantes e, dessa maneira,

“poder explicar como é a faculdade da linguagem, essa parte notável da capacidade mental humana” (KENEDY, 2013b, p. 138).

4. FUNCIONALISMO: A INFLUÊNCIA DA SITUAÇÃO SOCIOCOMUNICATIVA NA CONSTRUÇÃO DA ESTRUTURA GRAMATICAL

O Funcionalismo é uma vertente linguística que busca desenvolver seus estudos pautados na correlação entre a estrutura gramatical das línguas e os mais diversos contextos sociocomunicativos. Nessa proposta teórico-metodológica, a linguagem é concebida como um instrumento de interação social cujo objetivo primordial é “explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso” (CUNHA, 2013, p.157) que vai além da estrutura linguística, pois leva em consideração tanto a *situação comunicativa* (os interlocutores e os propósitos comunicativos) quanto o *contexto discursivo* (a motivação para os fatos linguísticos): em resumo, a situação sociocomunicativa é que motiva a estrutura gramatical.

A *gramática* e o *discurso* estabelecem uma relação simbiótica retroalimentativa, haja vista que a gramática se alimenta do discurso e o discurso, por sua vez, vale-se dos padrões gramaticais para desenvolver a performance comunicativa, ou seja, a subjetividade presente nos mecanismos expressivos dos falantes impulsiona a necessidade de recriar os padrões gramaticais, pois concentra-se no objetivo de intensificar a *força informativa do discurso*. No que tange à comparação com as vertentes estruturalistas e gerativistas, Martelotta (2013) declara sobre a gramática funcionalista que:

existem universais conceituais, mas eles apenas motivam os conceitos humanos, não tendo a capacidade de prevê-los de modo determinante. ou seja, esses universais conceituais não delineiam de modo fechado e definitivo o pensamento humano, já que por se concretizarem em situações reais de interação social, sua natureza admite a influência de fatores socioculturais. (p. 65)

As análises na linha funcionalista (envolvendo desde as posturas mais radicais até as mais moderadas) receberam contribuição direta de duas vertentes, a saber: (1) *Funcionalismo Europeu* - a partir dos círculos de estudos linguísticos representados por Escolas como as de Praga, de Genebra e de Londres surgiram nomes importantes e trabalhos célebres, tais como: Michael k. Halliday e Simon Dik que, na década de 1970, desenvolveram teorias funcionais cujas propostas incorporaram a semântica e a pragmática à análise sintática em decorrência da inadequação formalista e da concepção da linguagem como parte do processo social e (2)

Funcionalismo Norte-Americano - o contexto linguístico e a situação extralinguística se configuram como fatores-base para explicar a língua, pois intensificam o vínculo entre gramática e discurso. Nesse ínterim, a sintaxe é concebida como um fenômeno influenciado único e exclusivamente por princípios comunicativos externos: essa concepção de que as funções externas condicionam o sistema linguístico está presente nas proposituras de Hopper (1998) com a *Gramática Emergente* e de Du Bois (1985) com o *Sistema Adaptativo*. Outro nome importante dessa vertente foi Givón (1979) que no trabalho intitulado *From Discourse to Syntax* reforça o argumento de que a função estrita da sintaxe é desempenhar uma função sociocomunicativa específica; assim, são as próprias motivações comunicativas que explicam e delineiam os fatos gramaticais. Em suma, é importante:

Considerar a gramática como um organismo maleável, que se adapta às necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes, implica em reconhecer que a gramática de qualquer língua exhibe padrões morfossintáticos estáveis, sistematizados pelo uso, ao lado de mecanismos de codificação emergentes. Em outras palavras, as regras da gramática são modificadas pelo uso (isto é, as línguas variam e mudam) e, portanto, é necessário observar a língua como ela é falada. Nesse sentido, a análise dos processos de variação e mudança linguística constitui uma das áreas de interesse privilegiado da linguística funcional (CUNHA, 2013, p.164)

No Brasil, na década de 1980, Rodolfo Ilari com o trabalho intitulado *Perspectiva Funcional da Frase Portuguesa* inaugura os estudos de cunho funcionalista e abre o caminho para as pesquisas que visam compreender o funcionamento das estruturas morfossintáticas em textos falados e escritos: para isso, toma por base os fatores atrelados a natureza sociocomunicativa da linguagem. Informatividade, Iconicidade, Marcação, Gramaticalização e Discursivização são aspectos centrais dessa vertente que podem contribuir significativamente para um ensino gramatical que considere a dinamicidade e o desempenho das línguas em situações discursivas pragmaticamente reais de interação.

5. INTEGRAÇÃO DAS VERTENTES LINGÜÍSTICAS: REFLEXÕES PARA A REFORMULAÇÃO DO ENSINO DE GRAMÁTICA NA ESCOLA

O panorama educacional da atualidade exige a implementação efetiva de propostas linguísticas capazes de levar em consideração toda complexidade da linguagem e, nesse intuito, a máxima saussuriana de que “o ponto de vista cria o objeto” permanece extremamente válida: o estruturalismo, o gerativismo e o funcionalismo são vertentes basilares que, embora analisem aspectos linguísticos sob prismas essencialmente diferentes, juntos podem contribuir significativamente para reformular o ensino tradicional de gramática que

ainda impera nas escolas. No entendimento de Silva & Pilati (2017), as aulas (de modo geral) são ministradas no modo automático, desconsiderando a realidade do aluno e, no tocante ao ensino de gramática, esse cenário se torna cada vez mais catastrófico, haja vista que:

Parte maciça das escolas adota um ensino tradicional da gramática da língua portuguesa baseado num método de memorização. Essa decisão tem sido tema constante de discussões e críticas de professores e linguistas por fazer o aluno pensar que a gramática é um conjunto de regras arbitrárias, tornando a aula uma prática de decorar (SILVA PILATI, 2017, p. 47)

A cada vez que consideramos a linguagem humana em sua dimensão mais ampla, através de várias óticas, o intuito é enfatizar as potencialidades de cada vertente linguística, de maneira a demonstrar que as teorias não se anulam e não podem ser tidas como melhores ou piores, mas diversas. Nesses termos, a co-existência teórica frente ao sistema linguístico é de suma importância, pois possibilita interações complexas entre as teorias cujo objeto de estudo é o mesmo: a linguagem humana. No escopo da linguística, a interação entre as vertentes de estudos da linguagem é altamente benéfico e produtivo, haja vista que a limitação de uma propositura teórico-metodológica pode ser compensada por outra, dada a complexidade e a vastidão do fenômeno de pesquisa que culmine numa aplicabilidade prática.

Conejo (2007), a partir da concepção de vários autores, tece seu posicionamento acerca da gramática estrutural e reconhece os progressos significativos advindos dela: a apresentação dos critérios formais e distribucionais das unidades linguísticas em padrões, dentro de um sistema, favorece uma melhor descrição e compreensão da forma linguística. Além de admitir as potencialidades do prisma estruturalista, a estudiosa indica os limites desta propositura:

Os primeiros estruturalistas levaram ao extremo a estrutura superficial das línguas fornecendo uma descrição da maneira como morfemas se combinam até chegar ao nível da frase. Para Chomsky, o linguista deve se preocupar também com a estrutura profunda da língua, ou seja, de que maneira os interlocutores interpretam e julgam os enunciados da língua. Assim, podemos distinguir entre enunciados gramaticais e agramaticais do ponto de vista do significado. Além de levar em conta níveis para os enunciados gramaticais, passando de uma variedade menos culta da língua até chegar a variedade mais formal (CONEJO, 2007, p.233)

Nesse panorama, a gramática gerativa chomskyana surge e traz consigo o conceito de Inatismo que possibilita ao professor enxergar o aluno de maneira contemplativa: não mais como uma tábula rasa, mas como um ser detentor de um vasto conhecimento intuitivo que, inconscientemente, proporciona uma compreensão impressionante sobre o sistema linguístico.

No tocante ao ensino, “então, não caberia *ensinar* a língua, mas trazer à consciência o conhecimento já possuído, tornando o aluno apto a manipular, de maneira reflexiva, a estrutura de seu idioma” (SILVA & PILATI, 2017, p.52)

A competência linguística, de caráter puramente cognitivista, é o aparato biológico que possibilita a concretude de um ato sociocomunicativo: o fazer linguístico. Os preceitos teórico-metodológicos da linguística funcional parte de um conceito de língua como produto direto de uma forte vinculação entre discurso e gramática, pois explora (de maneira focal) o funcionamento da língua em situações comunicativas reais. Cunha e Tavares (2016) alegam que “o ensino da gramática da língua portuguesa se torna, muitas vezes, enfadonho, cansativo e improdutivo” (p.15) porque as questões gramaticais são tratadas de modo superficial, significativamente distantes do uso e das motivações sociointeracionistas: esse descaso tem sido tão impactante que boa parte dos jovens possuem “aversão” às aulas de português. A partir desse panorama, um passo relevante para a reformulação do ensino de gramática é “o entendimento de que, embora independentes, os aspectos formais, semânticos e discursivos de uma língua devem ser articulados, uma vez que representam diferentes faces de um mesmo objeto” (CUNHA E TAVARES, 2016, p.16).

A integração articulada entre o estruturalismo, o gerativismo e o funcionalismo é interessante para que ocorra, de forma efetiva, a ressignificação das práticas didático-pedagógicas do professor e da postura do aluno. À medida que o professor (no papel de mediador do conhecimento) leva em consideração o engajamento teórico dos alunos e leva-os a refletir sobre todo e qualquer conteúdo linguístico trabalhado em sala de aula. O intuito é promover nesse educando a ampliação da criticidade, da autonomia e da formação cidadã plena: uma gama de experiências que estimulem uma maior apropriação consciente da realidade interna e externa da linguagem. De forma sucinta, enquanto o estruturalismo contribui para encarar a língua como sistema de regras, o gerativismo parte do aparato biológico e inato da faculdade da linguagem para aprofundar as relações entre os princípios e parâmetros linguísticos e, assim, possibilitar ao funcionalismo as bases para explorar a materialização da recursividade em situações sociocomunicativas reais.

A partir desses pressupostos, é imprescindível tecer algumas estratégias, a título de situações exemplificativas e hipotéticas, que possam nos fazer refletir sobre essa integração linguística na prática. Vale ressaltar que no ensino, de acordo com Pilati (2017), a base linguística é adquirida antes do processo educacional formal: nesse viés, enquanto a fala resulta de um processo aquisicional a escrita, por sua vez, é aprendida por meio de instruções linguísticas específicas para manuseio. Durante esse processo, o sujeito precisa desenvolver

habilidades para ter um percurso de ensino e aprendizagem significativo na sua maturação educacional: esta maturidade dependerá da maneira como o sujeito entende o funcionamento do seu sistema linguístico.

O estudante chega na escola com sua bagagem sociocognitiva e é a partir dela que o conhecimento linguístico que já vem consigo será ampliado se, na perspectiva de Pilati (2017), ele refletir acerca da estrutura linguística, mesmo que ainda não tenha sido instruído, haja vista que seus conhecimentos independem de bases formais sobre a língua: o que está em jogo não é, em momento algum, sua competência linguística, mas como este sujeito toma consciência da linguagem que utiliza.

Uma boa contextualização, a partir de uma situação hipotética de sala de aula, contribui para consolidar a reflexão tecida até o presente momento. Numa discussão sobre morfologia, o professor pode fazer os alunos refletirem sobre o processo de formação de palavras, de forma criativa: em “toppíssimo”, que é uma adaptação do inglês cujo sufixo dá idéia de superlativo, o docente pode instigar os alunos a pensar sobre o status dessa palavra dentro do sistema linguístico, as combinações e restrições (gramaticalidade/agramaticalidade) que propiciaram a formação dessa palavra e qual as motivações sociointeracionais de uso da mesma. De modo semelhante, poderíamos pensar no escopo da sentença: em “João era um sujeito _____”, o professor pode evocar a reflexão sobre as relações sintagmáticas e paradigmáticas, mostrando que eles podem completar a sentença de várias formas (num mecanismo cognitivo de seleção semântica) com, por exemplo, “simpático” ou “antipático” e quais as motivações discursivas para fazer certas seleções em detrimento de outras possibilidades.

Outra exemplificação muito boa é no trabalho com os gêneros discursivos. Se tomarmos uma manchete de jornal ambígua, cada um a interpreta de formas diferentes. Esta noção linguística contribuiria para a elucidação prática da teoria e, nessa perspectiva, poderia trabalhado (em concomitância) o ensino de aspectos pragmáticos (o que está implícito ao período), semânticos (mostrando a importância do posicionamento sentencial para a estruturação de sentidos), sintáticos (mostrando orações principais e subordinadas, assim como sua influência no processo de compreensão) e, assim por diante.

Em suma, considerar a integração linguística das três vertentes apresentadas é considerar e apreender as nuances da linguagem em toda sua complexidade e o ensino é o terreno fértil para que isso ocorra. Cada corrente, embora desfrute de particularidades, pode convergir para um ponto comum de maneira a contribuir, de forma efetiva, para uma educação construtiva, permeada por processos de ensino e aprendizagem instigantes e de

muita qualidade que formem leitores e escritores proficientes, críticos e altamente autônomos. Afinal, a língua é o que une todos os seres humanos em seus contextos mais divergentes e profundos da existência substancial.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou mostrar como as teorias linguísticas: estruturalismo, gerativismo e funcionalismo, podem ser integradas ao ensino de gramática, pois se configuram como ferramenta indispensável para a compreensão dos aspectos gramaticais da língua. Concluímos que as vertentes teóricas aqui discutidas são de suma importância para o entendimento linguístico, além de contribuírem de maneira significativa para o aprendizado de línguas. Ademais, estas teorias direcionam um novo olhar à educação: vão além de um ensino meramente formal que não abrange, de modo amplo, os aspectos linguísticos e que não percebe o aluno como um ser dotado de bagagem linguística sociocognitiva.

Nesse sentido, através da concepção estruturalista, gerativista e funcionalista da linguagem pode-se reformular o ensino de gramática, de forma integrativa, ao considerar as potencialidades e especificidades de cada corrente linguística. O estruturalismo contribui para a compreensão das relações internas estruturais da língua, a saber; composição, restrições, associações entre os componentes da língua, bem como a compreensão das relações sintagmáticas e paradigmáticas que são fundamentais para uma análise estrutural da língua. O Gerativismo, por sua vez, aprofunda o olhar sobre essa estrutura linguística ao considerar capacidade inata para a linguagem, em que o professor estimulará o aluno a explorar sua criatividade na construção das sentenças e que esse conhecimento tácito da língua vem consigo: ele não tem que “decorar”, ele só vai entender “como funciona” esse aparato biológico que o ajuda a interagir em sociedade. A partir desse tópico, as concepções teórico-metodológicas do Funcionalismo podem ser exploradas, de maneira a contribuir para uma visão mais dinâmica e real do uso linguístico nos atos comunicativos.

Por fim, considera-se que a importância deste trabalho reside no fato de encarar as práticas de ensino e aprendizagem de gramática de forma mais fluída: não enaltecendo teorias isoladas, mas estimulando tanto o professor quanto o aluno a construir aulas pautadas na curiosidade, na ousadia, na criticidade e, por conseguinte, numa formação cidadã plena que contribua para uma educação de qualidade.

REFERÊNCIAS

CHOMSKY, N. **Aspectos da Teoria da Sintaxe**. Coimbra: Armênia Amado, 1975.

_____. **Regras e Representações: a Inteligência Humana e seu Produto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. **Syntactic Structures**. The Hague: Mouton, 1957.

_____. **Knowledge of Language: Its Nature, Origin and Use**. New York: Praeger, 1986.

COSTA, M. A. **Estruturalismo**. In: MARTELOTTA, M. E., *et all*. **Manual de Linguística**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013, p.113-126

CONEJO, C. R. O Estruturalismo e o Ensino de Línguas. **Línguas & Letras**, Maringá, v. 8, n.15. 2007, p. 225-242

CUNHA, A. F. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E., *et all*. **Manual de Linguística**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013, p.157-176

CUNHA, M. A. F.; TAVARES, M. A (orgs.). **Linguística Funcional e Ensino de Gramática**. In: _____. **Funcionalismo e Ensino de Gramática**. 1 ed. Natal: EDUFRN, 2016, p.12-58

KENEDY, E. Gerativismo. In: MARTELOTTA, M. E., *et all*. **Manual de Linguística**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013b, p. 127-140.

KENEDY, E. Princípios e Parâmetros. In: _____. **Curso Básico de Linguística Gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013a, p.89-113.

PILATI, E. **Linguística, Gramática e Aprendizagem Ativa**. São Paulo: Pontes, 2017.

QUADROS, R. O paradigma gerativista e a aquisição da linguagem. In: QUADROS, R & FINGER, I. **Teorias de aquisição da linguagem**. 2007, p. 25-48.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Lingüística Geral**. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 28.ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, T; PILATI, E. Linguística Gerativa e Gramática na Educação Básica. **Revista Línguas & Letras**, Cascavel, v. 18, n. 41, 2017, p. 46 - 64.

VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. **Ensino de Gramática: Descrição e Uso**. São Paulo, v.2, 2014.